

O Espaço na Construção de *Angústia*

Elizabeth Ramos¹

Resumo: *Angústia*, terceiro romance de Graciliano Ramos, foi publicado em agosto de 1936. O sentimento que dá título à obra reflete a própria inquietação do autor perseguido pela ditadura getulista, conforme registrado no seu *Memórias do cárcere*, livro que começa a compor dez anos após libertado da prisão. A tessitura da narrativa do romance e a construção do crescente sentimento de angústia se dão a partir da visão de mundo do personagem central, Luís da Silva, das repetições e introspecção, além do espaço degradado que sufoca e aflige o leitor.

Palavras-chave: Graciliano Ramos. *Angústia*. Espaço.

Abstract: *Angústia*, Graciliano Ramos's third novel was published in Brazil, in August 1936. The feeling, which gives title to the book, reflects the author's own uneasiness resulted from the Vargas's dictatorship persecution, as conveyed in his *Memórias do cárcere*, work which Graciliano begins ten years after being set free from prison. The knitting of the novel's narrative and the growing feeling of anguish are set from the perspective of the protagonist Luís da Silva, as well as by the use of repetitions, introspection and the degraded spaces which suffocate and afflict the reader.

Keywords: Graciliano Ramos. *Anguish*. Space.

Certos lugares que me davam prazer tornaram-se odiosos.
(Graciliano Ramos, *Angústia*)

¹ Professora da Universidade Federal da Bahia. Organizou, ao lado de Erwin Torralbo, a edição comemorativa dos 80 anos de *Caetés* (2013). Pesquisa atualmente as diferentes traduções do romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.

1 Memórias de angústia

O panorama político do Brasil, entre 1935 e 36, move a urdidura de *Angústia*, terceiro romance de Graciliano Ramos. A inquietude gerada pela opressão imposta pela ditadura getulista e pelas perseguições, ameaças veladas e insultos, dos quais o autor se via alvo, possibilitam a construção quase catártica da obra.

No começo de 1936, funcionário na instrução pública de Alagoas, tive a notícia de que misteriosos telefonemas, com veladas ameaças, me procuravam o endereço. Desprezei as ameaças: ordinariamente o indivíduo que tenciona ofender outro não o avisa. Mas os telefonemas continuaram. Mandei responder que me achava na repartição diariamente, das nove horas ao meio-dia, das duas às cinco da tarde. Não era o que pretendiam. Nada de requerimentos: queriam visitar-me em casa. Pedi que não me transmitissem mais essas tolices, com certeza picuinhas de algum inimigo débil, e esqueci-me: nem um minuto supus que tivessem cunho oficial (RAMOS, 2008, p. 17).

É, portanto, em um espaço permeado por perseguições, delações e apatia intelectual que *Angústia* é tecido com as fibras da convicção do autor de que “só conseguimos deitar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida” (RAMOS, 2011b, p. 293). Assim, o abafamento, a insegurança, a falta de humor, o ressentimento, a dor e a ferida psicológica diante da antecipação da prisão do escritor são injetados no protagonista Luís da Silva, confirmando a opinião do Velho Graça de que “as nossas personagens são pedaços de nós mesmos”.

No dia seguinte, 3 de março, entreguei pela manhã os originais a d. Jeni, datilógrafa. Ao meio-dia uma parenta me visitou – e este caso insignificante exerceu grande influência na minha vida, talvez haja desviado o curso dela. Essa pessoa indiscreta deu-me conselhos e aludiu a crimes vários praticados por mim. Agradei e pedi-lhe que me denunciasse, caso ainda não o tivesse feito. A criatura respondeu-me com quatro pedras na mão e retirou-se. [...] Nesse ponto surgiu Luccarini. Entrou sem pedir licença,

atarantado, cochichou rapidamente que iriam prender-me [...] (RAMOS, 2008, p. 23).

Os registros da inquietação de Graciliano, só bem mais tarde, dez anos após ser posto em liberdade – foram organizados quando do início da composição de *Memórias do cárcere*, obra publicada postumamente, em 1953, que constrói com *Angústia* estreita relação intertextual. As reflexões do autor durante o período em que se vê preso possibilitam ao estudioso fazer a arqueologia da construção e da sua relação com o romance, associando o sentimento de angústia às experiências extremamente difíceis vivenciadas pelo Velho Graça, antes e durante a supressão da sua liberdade.

Na data em que entregou à datilógrafa os manuscritos de *Angústia*, ainda bastante sapecados, Graciliano Ramos foi preso. Era dia 3 de março de 1936.

Na casinha da Pajuçara fiquei até a madrugada consertando as últimas páginas do romance. Os consertos não me satisfiziam: indispensável recopiar tudo, suprimir as repetições excessivas. Alguns capítulos não me pareciam muito ruins, e isto fazia que os defeitos medonhos avultassem. O meu Luís da Silva era um falastrão, vivia a badalar à toa reminiscências da infância, vendo cordas em toda a parte. Aquele assassinato, realizado em vinte e sete dias de esforço, com razoável gasto de café e aguardente, dava-me impressão de falsidade. Realmente eu era um assassino bem chinfrim. O delírio final se atamancara numa noite, e fervilhava de redundâncias. Enfim não era impossível canalizar esses derramamentos. O diabo é que no livro abundavam desconexões, talvez irremediáveis. Necessário ainda suar muito para minorar as falhas evidentes (RAMOS, 2008, p. 21-22).

Na rememoração do passado em suas *Memórias*, Graciliano vê-se sentado à mesa, escrevendo o longo capítulo do assassinato.

[...] vinte e sete dias de esforço para matar uma personagem, amarrar-lhe o pescoço, elevá-la a uma árvore, dar-lhe aparência de suicídio. Esse crime extenso enjoava-me. Necessário os

excitantes para concluí-lo. O maço de cigarros ao alcance da mão, o café e a aguardente em cima do aparador. Estirava-me às vezes pela madrugada, queria abandonar a tarefa e obstinava-me nela, as ideias a pingar mesquinhas, as mãos trêmulas. Rumor das ondas, do vento. Pela janela aberta entravam folhas secas, um sopro salgado; a enorme folhagem de um sapotizeiro escurecia o quintal (RAMOS, 2008, p. 166).

Na noite daquele início de março, um carro parou diante da porta de sua casa, e um oficial do exército cumpriu a ordem de levar preso o escritor. Começava a série de deslocamentos involuntários, que durariam quase um ano: um quartel em Maceió, outro em Recife, a viagem que o transportou como se fosse gado, em um ambiente fétido sob temperatura de caldeira no porão do navio Manaus, o presídio Frei Caneca no Rio de Janeiro, a Colônia Penal da Ilha Grande, a Casa de Correção da penitenciária carioca.

Provavelmente não havia lugar para nós [os presos políticos], éramos fantasmas, rolaríamos de cárcere em cárcere, fndaríamos num campo de concentração. Nenhuma utilidade representávamos na ordem nova. Se nos largassem, vagariamos tristes, inofensivos e desocupados, farrapos vivos, velhos prematuros; desejaríamos enlouquecer, recolher-nos ao hospício ou ter coragem de amarrar uma corda ao pescoço e dar o mergulho decisivo (RAMOS, 2008, p. 160-161).

No Pavilhão dos Primários, já no Rio de Janeiro, Graciliano recebeu de Rodolfo Ghioldi o recado de Jorge Amado, com quem havia se encontrado na sala de detidos da Polícia Central: o editor José Olímpio oferecia a publicação de *Angústia*, com direito a adiantamento de valores. O entusiasmo inicial se esvaiu, pois o lançamento do romance parecia leviandade aos olhos do seu autor.

Havia nele muito defeito, eram precisos cortes e emendas sem conta. Sem falar em mutilações e enganos infalíveis, cometidos pela datilógrafa. Indispensável examinar, rever tudo, comparar o original à cópia. Eu nem sabia onde paravam essas coisas

enterradas em algum buraco de Alagoas; talvez já nem existissem: uma denúncia anônima as teria revelado, jogado ao fogo. Não me preocupava em demasia a perda, realmente pequena. Se o livro se salvasse, ocupar-me-ia mais tarde em corrigi-lo, sobretudo amputar-lhe numerosas excrescências. Antes disso, consideravam-nos objeto de comércio, desejavam transformá-lo em dinheiro (RAMOS, 2008, p. 247-248).

Cinco meses após a prisão, em agosto do mesmo ano, o romance foi publicado. Na ocasião, o autor continuava ‘hóspede’ da repressão na Casa de Correção, mais especificamente, na enfermaria da penitenciária Frei Caneca, no Rio de Janeiro.

Enfim o romance encencado veio a lume, brochura feia de capa azul. A tiragem, de dois milheiros, rendia-me um conto e quatrocentos e esta ninharia ainda significava para mim grande vantagem. [...] A leitura me revelou coisas medonhas: pontuação errada, lacunas, trocas horríveis de palavras. A datilógrafa, o linotipista e o revisor tinham feito no livro sérios estragos (RAMOS, 2008, p. 612).

Para Graciliano, anunciava-se um enterro. Um enterro literário. Não se venderiam cem cópias do *Angústia*.

2 *Angústia*: catarse da memória

Como nos entram na cabeça maluqueiras semelhantes? Queremos extingui-las, voltar a ser viventes normais, e as miseráveis insistem.
(Graciliano Ramos, *Memórias do cárcere*)

Em face das perturbações, mudanças, perseguições e encencas de todo gênero, o escritor passou a nutrir sentimento de repugnância morna e indeterminada pelo seu estado natal. Narrado em primeira pessoa, *Angústia* recria, nos espaços ficcionalizados, a agonia de seu autor – “Não me acusavam, suprimiam-me” (RAMOS, 2008, p. 31) – suplementada na reflexão do narrador do romance que vive na cidade grande e quente, sem plantas e sem trabalho, com calçadas ocupadas por corpos que

iam e vinham, sem despertarem interesse uns nos outros. “Falta-me tranquilidade, falta-me inocência, estou feito um molambo que a cidade puiu demais e sujou”. No espaço urbano desprovido da cordialidade, o homem solitário não consegue encontrar a voz do acolhimento.

Como acreditava que “arte é sangue, é carne” e que “além disso não há nada” (RAMOS, 2011b, p. 293), Graciliano desloca para Maceió o lócus ficcional do seu terceiro romance que deixa de ser um mero espaço geográfico, para se tornar metáfora da degradação: “Romance desagradável, abafado, ambiente sujo, povoado de ratos, cheio de podridões, de lixo” (RAMOS, 2008, p. 250).

No âmbito do espaço, o desassossego adquire valor simbólico e catártico – “Só me abalanco a expor a coisa observada e sentida” (RAMOS, 2008, p. 41) – permeando as articulações, as experiências e os valores sociais recriados por meio dos personagens. Informações históricas e sociais são, assim, suplementadas pela ficção e desdobradas no imaginário do leitor a partir da miséria física, onde se insere e desfila a miséria humana.

Diante da igreja, nos bancos da praça miúda, gente esquisita: homens sujos, mulheres sem companhia. E crianças abandonadas pelos cantos. Cochilos, palavrões, descontentamento, frases incendiárias. Na calçada estreita da igreja as crianças abandonadas apinhavam-se. Automóveis parados, chauffeurs adormecidos, vagabundos, exposição de prostitutas à entrada da rua da Lama (RAMOS, 2011a, p. 105).

Tempo e espaço são articulados por meio das idas, vindas e da introspecção presentes na narrativa. Luís da Silva, importunado pelos defuntos e acontecimentos antigos, conduz o leitor a reconstruir uma história de abandono e solidão de um personagem que sempre brincou só, habitou-se a viver em chiqueiros, cresceu entre redes encardidas, que fediam a bode, em uma casa de fazenda onde o cupim roía os mourões do curral e os caibros da casa, onde os bichos bodejavam no chiqueiro, o gado mostrava-se escuro de carrapatos, o cavalo era lazarento e os

bodes definhavam na morrinha. O silêncio incômodo e a solidão, que envolviam o menino Luís, forçavam-no a tossir, para que se convencesse de que não era surdo.

A decadência da família transmitia-se ao longo das gerações: o avô Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, fazendeiro falido e bebedor inveterado de cachaça; o pai, reduzido a Camilo Pereira da Silva, que passava dias inteiros refestelado em uma rede, ignorando o esfacelamento da terra, do gado, da casa, do mundo que o cercava; e ele, meramente Luís da Silva, que crescera besta e mofino, um funcionário público, arremedo de jornalista, revisor e escritor, “raça de cachorro com porco”, como pregava o padre aos matutos.

A cada momento as intervenções subversivas da memória rural do personagem fazem a linearidade impulsiva da memória urbana explodir, redirecionando-a para o passado remoto. Em outras palavras: a lembrança dos acontecimentos recentes na capital é alicerçada e, ao mesmo tempo, quebrada e explicada pela lembrança de acontecimentos e de figuras humanas do antigo mundo sertanejo, dominado pelos coronéis (SANTIAGO, 2009, p. 290).

As lembranças do narrador conduzem o leitor ao velório de Camilo Pereira da Silva, cujo corpo, coberto por um lençol branco, pequeno para o defunto, exibia pés enormes, sujos, cheios de calos. Moscas cobriam a mancha de sangue na altura do rosto. Luís, então com catorze anos, abandonado e assustado, sentia frio e pena de si, temendo o que teria que suportar sozinho no mundo. A casa não era sua, o defunto não era seu, ninguém o percebia. A morte do pai não o fazia chorar. Foi o cuidado de Rosenda, ao trazer-lhe uma xícara de café, que o levou a “soluçar como um desgraçado”.

Os sentimentos de abandono, autopiedade, medo e insignificância irão, pois, marcar o protagonista ao longo da narrativa.

Para Gaston Bachelard (1978, p. 201), “pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos”. No entanto, a vida de Luís da Silva não tem moradas onde

possam ser guardados tesouros de dias antigos, pelo simples fato de não haver tesouros. Do passado, a lembrança acumula apenas monturo. O espaço que o protagonista adulto habita reflete o abandono dos tempos idos. Inexiste o conforto das lembranças de proteção. Confirmam-se as mesmas tonalidades do espaço da infância e da juventude que, quando evocado, acrescenta valor de pesadelo à existência de Luís da Silva. Não há poesia perdida. Os primeiros espaços do narrador não se perdem, vivem e insistem em reviver em sua imaginação e na sua visão de mundo, com o poder de desencadear a desintegração.

Aos trinta e cinco anos de idade, apesar de admitir que os lugares onde vivera tinham influenciado o seu caráter, Luís da Silva afirma que a casa onde moramos não tem importância grande demais. Seu horizonte é o quintal da casa à direita, com roseiras acanhadas e rosas miúdas, monturo, água parada e fétida. Tudo feio, pobre, sujo.

Fico de pé, encostado à mesa da sala de jantar, olhando a janela, a porta aberta, os degraus de cimento que dão para o quintal. Água estagnada, lixo, o canteiro de alfices amarelas, a sombra da mangueira. Por cima do muro baixo ao fundo veem-se pipas, montes de cisco e cacos de vidro, um homem triste que enche dornas sob um telheiro, uma mulher magra que lava garrafas (RAMOS, 2011a, p. 34).

No café, um espaço de dez metros no centro da cidade, Luís da Silva passa uma hora diariamente. Ali, sentado à mesa, junto à vitrine dos cigarros, encolhido perto da porta, distrai-se observando a conversa dos médicos, advogados, comerciantes, políticos, desembargadores. Conversa com Moisés, sujeito bom e inteligente, que se interessa pelas histórias sobre a sua terra, o sofrimento dos flagelados, a tragédia das secas, picha muros, distribui folhetos incendiários, calando-se apenas quando o chefe de polícia aparece para cochichar. Graciliano traz o personagem de Maceió para a ficção a partir de Jacob, judeu encarregado de receber as prestações na venda do tio e que talvez estivesse preso como ativista da Juventude Comunista. Tanto quanto o escritor, o

personagem não considera repugnante a ideia de fuzilar um proprietário, por ser proprietário (RAMOS, 2008, p. 25).

No café, aparece também o gordo Julião Tavares, sujeito inútil, que vestia casacas, falava alto, era amável em demasia e contava lorotas, “um parasita burguês de discurso empolado e arrogância de pavão, [...] resumo de tudo o que oprime Luís: o dinheiro fácil, o berço de ouro, a convivência social, a mediocridade intelectual, o poder de corromper e sair ileso” (PÓLVORA, 1992), atributos que justificam seu assassinato.

O sentimento do escritor, mais uma vez, confunde-se com a angústia do narrador, ambos solitários. Vivente de espaços desprezíveis, onde tempo e lugar se confundem, Luís da Silva vê o dia “dividido em quatro partes desiguais: uma parede, uma cama estreita, alguns metros de tijolo, outra parede” (RAMOS, 2011a, p. 222). O narrador protagonista carrega na casa em que vive os demônios domésticos da juventude. Nela repete os pesadelos que permanecem, mesmo quando as terras do Cavalo Morto já não mais existem. Repetem-se nos espaços do presente o tédio, a solidão e o abandono que jamais se apagarão e são revividos no delírio final do romance. As lembranças dos lugares habitados no passado e revisitados no presente dão a Luís da Silva a sensação de instabilidade.

Repetições de representações angustiantes do espaço, no sentido amplo, intensificam a sensação de inquietude ao longo do ato de leitura. As imagens recorrentes da cascavel enrolada ao pescoço do avô, de seu Evaristo enforcado, da corda recebida como presente de seu Ivo, do afogamento nas lições de natação dadas por seu pai parecem ter o objetivo de sufocar o leitor, tirar-lhe o ar. As repetições excessivas que incomodavam Graciliano concorrem, portanto, para acirrar a angústia.

Em resenha publicada no *Boletim de Ariel*, em novembro de 1936, Jorge Amado escreve:

Sei de alguém que não conseguiu passar da página 30 desse romance com medo de enlouquecer. E esse é o maior elogio que pode ser feito ao romancista que descreve exatamente o processo interior que leva um pobre funcionário público ao assassinato e ao delírio. Mais uma vez eu quero dizer aqui uma coisa que já

escrevi a respeito de Graciliano Ramos: os romancistas em geral nos dão diversas sensações fortes ou amáveis: nos comovem, por vezes nos fazem chorar, nos revoltam, nos põem melancólicos, enfim, fazem muita coisa. Porém, o romancista de *Angústia* nos arranca o estômago. Nos põe meio-alucinados, doentes, enraivecidos, nervosos. Todas as sensações juntas ele nos dá. Aí é que está a sua força (AMADO, 1936, p. 42-3).

Associam-se aos traços estilísticos da obra, estampas de degradação: a pobreza, as excrescências, a falta de beleza. Tudo parece sujo: o quintal com o esgoto aberto; os canteiros murchos, os ratos que não sossegavam na casa cheia de pulgas e que roíam, sem escrúpulo, a madeira do guarda-comida, destruindo manuscritos, mijando-lhe a literatura, enterrando sonetos em um cemitério de roedores putrefatos. Ao ser aberto, do móvel saltavam três ou quatro ratos, que logo escapavam pelos buracos da parede. Voltavam, em seguida, ruidosos, silenciando somente quando encontravam pedaços de miolo de pão espalhados pela sala. Assim, o armário, compreendido por Bachelard (1978) como espaço interior poético de intimidade, é, em *Angústia*, destituído do seu caráter de centro de ordem e harmonia que protege a casa da desordem.

Angústia é construído sob o signo da morte, da ruptura, da perda, do decadente, signos constantemente marcados pela repetição de fatos que o narrador julga não terem qualquer relação com as coisas que o cercam. A vida monótona do protagonista puído pelo espaço urbano, que observa e se reflete no homem triste que enche dornas sob um telheiro, uma mulher magra que lava garrafas – mesma cena que Graciliano via a bocejar pela janela, quando trabalhava na Imprensa Oficial de Alagoas (RAMOS, 2008, p. 36) – nas criaturas que não suporta, como Julião Tavares, o sujeito gordo, vermelho, risonho, patriota, falador e escrevedor, que citava os coqueiros, as praias, o céu azul, os canais e outras preciosidades alagoanas, e que veio perturbá-lo e bulir com os seus nervos; nos lugares odiosos onde os bancos das praças disfarçam casais que, descaradamente, se atacam em público; nos vizinhos esquisitos;

na criada Vitória, surda e desdentada, que passa o tempo a ler no jornal o nome dos navios que chegam e partem do porto de Maceió, a tentar educar um papagaio mudo e a enterrar moedas do ordenado, no fundo de um quintal sujo e maltratado; na casa infestada por ratos que pareciam roer-lhe qualquer coisa por dentro; nas noites medonhas, importunadas pelos galos a marcar o tempo e pelas pulgas; pelo resfolegar de Dona Rosália na cama, amando escandalosa o homem calvo e moreno, sem se importar com a curiosidade da vizinhança; em Marina, a única beleza, transformada em uma cabritinha enxerida, mulher sem dono, mulher de ninguém.

No último capítulo, o leitor é conduzido ao quarto de Luís da Silva, para o encontrar acuado, culpado, angustiado, em um grande delírio. Aqui, o espaço não é de intimidade familiar ou amorosa, mas de profunda perturbação mental e emocional. Aqui, aloja-se a angústia, configurada em um animal imóvel, inseguro, que se refugia para esconder o segredo do seu crime. As mãos que haviam enforcado Julião Tavares de repente pareciam ao personagem mais curtas e mais largas do que aquelas que costumavam escrever sonetos e artigos para o jornal.

Ao fim de um texto não linear de treze páginas, composto por períodos dispostos sem um único parágrafo para recriar o delírio do protagonista, o leitor, também angustiado, é levado de volta às primeiras páginas: “Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente. Das visões que me perseguiram naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios” (RAMOS, 2011a, p. 21).

O romance se fecha como as extremidades de uma corda, desta vez para sufocar aquele que tem em mãos as páginas da narrativa. A condição que oprime o escritor que se pergunta “Viria a calma?” (RAMOS, 2008, p. 51), mistura-se com as lembranças que oprimem o narrador, contagiam o leitor, forjando, em espaços degradados, o perigo do poder e da traição, gradativa e repetidamente.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. Notícia de dois romances. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, ano 6, n. 2, p. 42-43, nov. 1936.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Joaquim José Moura Ramos et al. Seleção de textos: José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

PÓLVORA, Hélio. O anti-herói trágico de Graciliano Ramos. *A Tarde Cultural*, Salvador, 23 out. 1992.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Edição Comemorativa dos 75 anos. Rio de Janeiro: Record, 2011a.

RAMOS. *Cartas*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011b.

RAMOS. *Memórias do cárcere*. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Posfácio. In: _____. RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 64. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.